



---

**Midiatização: gênese e apropriações do conceito<sup>1</sup>**  
**Mediatization: genesis and appropriations of the concept**

Márcia Zanin Feliciani<sup>2</sup>

Viviane Borelli<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Midiatização; Mapeamento; Complexidade.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo reunir e fazer dialogar trabalhos que mapearam o conceito de midiatização em distintas obras. A partir da leitura de Gomes (2016), Fausto Neto (2018), Martino (2018), França (2020) e Fernández (2023), elencamos conceitos e contextos antecedentes, gênese, correntes, apropriações e termos relacionados à midiatização. Conclui-se que se trata de um conceito com muitas apropriações, diferenciações internas e em relação a outras construções teóricas. Nesse sentido, se faz primordial o cuidado dos pesquisadores ao se apropriar dele, sobretudo frente a “armadilhas” como o determinismo tecnológico, a teoria dos efeitos e a proximidade com o conceito de mediação.

**Abstract:** This article aims to bring together and discuss works mapping the concept of mediatization. Based on the reading of Gomes (2016), Fausto Neto (2018), Martino (2018), França (2020) and Fernández (2023), we list antecedent concepts and contexts, genesis, currents, appropriations and terms related to mediatization. We conclude that it is

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). E-mail: marcia.feliciani@acad.ufsm.br.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). E-mail: viviane.borelli@ufsm.br.



---

a concept with many appropriations, internal differences and in relation to other theoretical constructions. In this sense, it is essential that researchers be careful when appropriating it, especially in the face of “traps” such as technological determinism, the theory of effects and the proximity to the concept of mediation.

**Keywords:** Mediatization; Mapping; Complexity.

## 1. Introdução

A proposta deste artigo é interrelacionar trabalhos que abordam o conceito de mediação em termos de identificação de antecedentes, reconstrução da sua gênese, mapeamento de apropriações<sup>4</sup> e correntes vigentes e/ou diferenciação de termos relacionados. Para tanto, recorreremos aos comentários de Gomes (2016), Fausto Neto (2018), Martino (2018), França (2020) e Fernández (2023), ocasionalmente pontuados por reflexões oriundas de Braga (2006, 2012).

Nosso esforço é particularmente próximo do de Martino (2018), o qual pontua algumas das utilizações do conceito de mediação com o objetivo de observar como e na análise de quais objetos ele é empregado, promovendo aproximações e afastamentos entre esses diferentes usos. Também nos aproximamos do autor no reconhecimento da impossibilidade de oferecer um “inventário completo de usos, o que demandaria um estudo monográfico de fôlego” (Martino, 2018, p. 222). Menos ainda de apresentar o esforço como “original”, dada a quantidade de autores que se debruçam sobre o tema – como as próprias referências aqui trazidas ilustram.

Contudo, diferimos do autor em termos de motivação e finalidade do trabalho. A primeira Martino (2018) associa à percepção de um crescimento na utilização do conceito de mediação nos estudos em Comunicação, tanto no âmbito internacional como latino-

---

<sup>4</sup> No resumo (Feliciani e Borelli, 2025), falamos em usos do conceito. O termo foi substituído após os debates do Seminário, em que se ressaltou o papel do pesquisador e do tensionamento que faz com as teorias – indo além de uma mera “aplicação” conceitual. Assim, neste artigo, falamos em apropriações e acionamentos.



---

americano e brasileiro – estes últimos, aliás, bem alinhados temporalmente com o primeiro. Já o nosso interesse vem da necessidade de dominar o conceito para tomá-lo como pano de fundo da tese de doutorado da primeira autora, em consonância com os estudos realizados pelo grupo de pesquisa em que nos inserimos<sup>5</sup>.

Em termos de finalidade, nossos esforços se distinguem em função de que Martino (2018) explicita sua intenção de não comparar ou estabelecer fronteiras entre os diferentes usos do conceito de mediação – isto é, de não indicar uma definição “correta”. Aqui, porém, julgamos pertinente um posicionamento acerca do que compreendemos como mediação – o que trazemos nas considerações finais.

Mas, antes delas, estruturamos a reflexão em cinco itens. O primeiro volta-se aos antecedentes da mediação, elencando abordagens e conceitos que se relacionam e/ou abriram caminho para a sua emergência. O segundo aborda brevemente a gênese do conceito de mediação, elencando obras, autores e apropriações. Em seguida, discorreremos sobre as principais correntes de estudo relacionadas ao conceito – a saber, institucionalista, socioconstrutivista e tecnológica. Na sequência, elencamos algumas das apropriações do termo identificados pelos trabalhos de referência, tanto em agrupamentos quanto de forma isolada. Por fim, buscamos estabelecer distinções entre a mediação e outros termos a ela comumente associados, com destaque para a ideia de mediação.

Vale ressaltar que nosso esforço constitui uma tentativa de promover “bricolagens, curtos-circuitos e construções” (França; Simões, 2016, p. 34) entre as referências citadas. Contudo, considerando que cada autor constrói sua esquematização de determinada forma, uni-las em um único exercício mostrou-se um desafio. É em função disso que, por mais que o texto tenha sido dividido em etapas, ocorrem inúmeros

---

<sup>5</sup> Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (CIMID), vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), registrado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pela professora Dra. Viviane Borelli. Disponível em: <https://www.ufsm.br/grupos/circulacaoeestrategias>. Acesso em: 9 jun. 2025.



---

cruzamentos entre elas – sobretudo no que tange à gênese, correntes e apropriações da midiatização.

## 2. Antecedentes do conceito de midiatização

Fausto Neto (2018) identifica os antecedentes da midiatização em termos de cenários epistemologicamente dominantes nos estudos em Comunicação na América Latina em meados dos anos 1980. Foram eles: o difusionismo norte-americano e o modelo das mediações proposto por Jesús Martín-Barbero<sup>6</sup> – seguidos, naturalmente, pela própria midiatização.

O difusionismo consistia em uma ideia de progresso pela absorção dos conhecimentos e tecnologias do Norte. Ele se aplicou não só à Comunicação, mas a todas as áreas – com destaque para a produção agrícola. Nessa perspectiva, a comunicação era reduzida ao transporte de informações de um produtor conhecedor para um receptor leigo, com ênfase no primeiro. Essa lógica se reflete nas próprias teorias da Mass Communication Research, escola estadunidense tida por Fausto Neto (2018) como a principal representante do modelo difusionista – a exemplo da agulha hipodérmica e do fluxo de comunicação em duas etapas (em que sempre há a “influência” da mídia).

O modelo barberiano surge como crítica à visada difusionista – junto da chamada sociologia da dependência e da pedagogia da extensão de Paulo Freire. Essas críticas se davam no sentido de que a difusão era centrada em quem difundia, e não naqueles para quem os conhecimentos se destinavam. Práticas e formatos locais, como a literatura de cordel, eram apropriados pelos difusores, mas apenas com a finalidade de transmitir suas mensagens.

---

<sup>6</sup> Em função de sua quantidade e do fato de que não acessamos os textos originais, optamos por não referenciar os autores citados por nossos trabalhos de base. As obras podem ser acessadas através de consulta à bibliografia dos trabalhos em questão. Numa linha semelhante, decidimos apresentar o nome completo dos autores primários somente em sua primeira menção, de forma a reduzir as repetições e dar mais fluidez ao texto.



---

Com Martín-Barbero, passa-se a olhar para as produções da indústria cultural, mas do ponto de vista de quem as recebe, reconhecendo-se as múltiplas relações que se constituem entre sujeito, mídia e cultura – às quais o autor deu o nome de mediações. Ocorre o “reconhecimento do trabalho de práticas culturais que permeiam o mundo da vida” na recepção de produtos midiáticos, com atenção “para articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (Fausto Neto, 2018, p. 73).

Para Fausto Neto (2018), porém, o método barberiano, de cunho fortemente antropológico, acaba por afastar as pesquisas do “comunicacional”. “Disso resulta como consequência a ‘antropologização’ de fenômenos comunicativos com o deslocamento, ou mesmo desaparecimento, de questões efetivamente comunicacionais” (Fausto Neto, 2018, p. 74).

Além disso, o autor comenta que o conceito de mediação foi tecido no âmbito da “‘sociedade dos meios’: aquela que se destaca pela existência dos meios” (Fausto Neto, 2018, p. 75). Nessa sociedade, era possível delinear mais precisamente um campo midiático, responsável por estabelecer relações dos demais entre si e com a sociedade – isto é, mediá-los (Rodrigues, 2000). Contudo, os meios crescem e se destacam, tornando difícil estabelecer fronteiras entre campos e, inclusive, mediações. É visando dar conta dessa complexidade que, segundo o autor, emerge a midiatização.

Em seu mapeamento das “múltiplas vozes” que compõem o conceito de midiatização, Gomes (2016) recupera trabalhos que, apesar de distintos, aproximam-se em algum(ns) aspecto(s) das reflexões sobre midiatização – a saber, textos de Pierre Teilhard de Chardin e Marshall McLuhan (com o primeiro tendo sido referência para o último, apesar de não assumida). De acordo com Gomes (2016), nenhum dos dois falou diretamente em midiatização, mas ambos “previram” muitos dos aspectos da realidade (midiatizada) em que vivemos hoje.

Gomes (2016) compreende que, para Chardin, as redes de comunicação promoveriam uma conexão entre os sistemas nervosos dos seres humanos, formando uma



---

espécie de “supercérebro” que cobriria todo o planeta e transcenderia a existência terrena – o que sugere um viés biológico. A esse fenômeno, deu o nome de planetarização – ideia bastante próxima da aldeia global proposta por McLuhan anos depois.

De acordo com Gomes (2016), este também traz consigo uma compreensão biológica da comunicação, expressa desde sua máxima de que os meios são extensões do corpo. Além disso, há no autor uma forte ênfase na tecnologia. Ela é expressa na célebre frase “o meio é a mensagem”, que Gomes (2016, p. 9) explica: “não é o uso que se faz de uma máquina que gera os efeitos mais notáveis numa sociedade, mas sim o próprio fato de se usar tal máquina”. Essa prevalência do meio é uma das construções teóricas questionadas por Braga (2012), que nos lembra dos usos não previstos dos diferentes meios – isto é, quando um meio se transforma em outra coisa a partir do uso. Nessa leitura, colocar o uso em segundo plano seria reducionista.

Mas McLuhan também se aproxima das reflexões acerca da mediação, tendo em vista que reconhece distintas idades pelas quais a humanidade teria passado. Elas dividir-se-iam em mecânica – com projeção dos corpos no espaço e no tempo e ação lenta –, elétrica – com projeção das mentes, abolição das próprias ideias de espaço e tempo e ação rápida – e digital (acréscimo de Gomes para se referir à atualidade, nomenclatura que também aparece em Lucia Santaella).

Essas idades, por sua vez, seriam compostas por tecnologias ou fases específicas. Um exemplo é a oralidade, considerada por McLuhan a primeira tecnologia. Segundo Gomes (2016), cada tecnologia ou fase serve de “plataforma” para que a próxima possa se desenvolver. “Por sua vez, ela será plataforma para a fase que a supera. Portanto, a superação de uma fase não significa o seu aniquilamento. Ela permanece na nova situação. Isso se pode ver na relação da oralidade com a escrita, com a imprensa e com os meios eletrônicos” (Gomes, 2016, p. 11).

Como mencionado, Santaella é outra teórica a fazer uma sistematização dessas “fases”. A autora é elencada por França (2020), que afirma que, no Brasil, os antecedentes do conceito de mediação remontam aos debates sobre novas tecnologias, cultura



---

digital e/ou cibercultura – onde Santaella se insere. Segundo França (2020, p. 25), a autora reconhece “seis tipos de formações [culturais]: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital”. Para França (2020), assim como para Gomes (2016), esta última estaria próxima da ideia de midiatização, mas o termo não é utilizado no trabalho de Santaella. Vejamos, então, quando ele de fato aparece.

### 3. Gênese dos estudos em midiatização

O primeiro autor destacado por França (2020) a utilizar nominalmente o conceito de midiatização é Muniz Sodré. O autor parte dos *bios* de Aristóteles para conceber a midiatização como uma quarta esfera da existência na contemporaneidade – junto da vida contemplativa, da política e da prazerosa. Nisso, desempenha papel central o conceito de *medium*, que diria respeito não só ao objeto tecnológico, mas aos códigos, regras e modos de ser que ele instaura.

Com relação à midiatização, Sodré a considera um tipo específico de mediação – a mediação feita pelos *media*, à qual dá o nome de tecnomediação. De acordo com França (2020, p. 28), para o autor, ela geraria:

uma estetização generalizada da vida social, com a prevalência da forma sobre os conteúdos semânticos; uma eticidade exaltativa do desejo individual; a submissão aos negócios e ao capital; novas formas de relacionamento dos indivíduos com as referências concretas (tendo a mídia como estruturadora das percepções e cognições); novas formas de sociabilização. (França, 2020, p. 28).

Nessas características, é possível compreender a visão do autor de que a midiatização constituiria uma nova forma de existir no mundo, já que esta afeta todos os aspectos da vida social. Essa concepção, conforme trazido à frente, aproxima-se bastante da de Gomes. Mas, ainda em Sodré, cabe ressaltar o destaque dado por ele ao capital enquanto subjugar da atividade midiática e da mediação por ela efetuada, algo que perpassa toda a sua obra.



---

Na sequência, França (2020) adentra o trabalho de José Luiz Braga e Pedro Gilberto Gomes enquanto teóricos que efetivamente tratam de mediação. Aqui, cabe o diálogo com Martino (2018), que destaca, na emergência dos estudos em mediação no Brasil, o importante papel do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) – no qual os dois autores citados se inseriram por muitos anos.

O Programa realiza pesquisas na área desde o início dos anos 2000, possuindo uma linha de pesquisa, uma revista e um evento específicos sobre mediação<sup>7</sup> (Fausto Neto, 2018). Nos trabalhos neles publicados, Martino (2018) verifica duas principais ênfases: uma mais epistemológica, que trata dos fundamentos e operacionalizações – na qual se destacam autores como José Luiz Braga, Antonio Fausto Neto e Jairo Ferreira; e uma mais empírica, que alia o conceito a objetos e processos comunicacionais que ocorrem na prática – como os trabalhos de Pedro Gilberto Gomes, Paulo Roque Gasparetto, Viviane Borelli e do próprio Martino<sup>8</sup>.

Feito o parêntese, voltemos à França (2020). Ao elencar os trabalhos de Braga, a autora comenta a existência de um duplo sentido do termo mediação. O primeiro seria relativo à afetação que o fenômeno tem nos campos em específico, enquanto o segundo diria respeito à sua influência na sociedade como um todo.

De forma geral, o foco da obra de Braga está nos processos interacionais, alguns dos quais identifica como sendo “de referência” numa determinada época e contexto (Braga, 2006). O teórico afirma que, hoje, esse lugar seria da mediação. Assim, sua ênfase reside não no fenômeno em si – pelo menos, não num sentido puramente

---

<sup>7</sup> Em que pese, aqui, o recente anúncio de fechamento do programa, bem como a saída do professor Jairo Ferreira (coordenador de boa parte das ações).

<sup>8</sup> Quando da apresentação do trecho no Seminário, discutiu-se a necessidade de evitarmos dualismos como esse. Afinal, como coloca Braga (2019), teoria e prática se interpelam a todo momento na pesquisa. Isso porque a teoria requer trabalho, logo, envolve prática. Da mesma forma, o elemento prático necessita de uma vinculação teórica – e, nos termos de Martino (2018), epistemológica – para fazer sentido cientificamente.



---

tecnológico –, mas em como ele afeta os processos interacionais (midiáticos ou não, já que, como comentado, as processualidades anteriores se mantêm).

Outro ponto basilar da obra de Braga, também presente em Fausto Neto, é a circulação, tida como um dos maiores “sintomas” da midiatização. Os autores destacam que, por muito tempo, a circulação ficou restrita à ideia de “zona de passagem”, isto é, de intervalo entre produção e recepção. Hoje, reconhece-se seu caráter de fluxo adiante, extrapolando os polos e, inclusive, o produto, o qual é tido como apenas um dos potencialmente infinitos momentos do processo (Braga, 2012).

Por fim, França (2020) termina sua gênese abordando o trabalho de Gomes. Sua abordagem é bastante próxima da de Sodré, com ênfase nos meios, na sua ecologia e na composição de uma nova realidade – ou, melhor dizendo, na recomposição da realidade que conhecemos. Para Gomes, assim, a midiatização deve ser tomada como chave hermenêutica para a compreensão da sociedade, já que (nos) conhecemos através dela.

Martino (2018) complementa a leitura de França (2020) ao lançar um olhar para o cenário internacional de apropriação do conceito de midiatização. O autor afirma que o contexto é bem semelhante ao brasileiro – tanto com relação à época de aparecimento como à pouca presença e apropriações “ramificadas” do conceito.

De acordo com Martino (2018), as grandes obras de Teorias da Comunicação do começo do século sequer abordaram o tema, tanto que ele só foi aparecer de fato nos dicionários de comunicação de Nicholas Abercrombie e Brian Longhurst e Daniel Chandler e Rod Munday<sup>9</sup> – e, ainda assim, com diferenças de conceituação. De obras específicas, Martino destaca a coletânea de Knut Lundby e os trabalhos monográficos de Andreas Hepp e Stig Hjarvard – autores frequentemente citados nos levantamentos sobre midiatização, a exemplo de Fernández (2023). Outros nomes mencionados pelo autor são os de Simon Cottle e Nick Couldry, indicando mais aproximações com o panorama de França (2020) – como trazido à frente.

---

<sup>9</sup> De 2007 e 2011, respectivamente.



---

Ao mencionar esses nomes, Martino (2018) adentra num importante núcleo dos estudos em midiatização, também identificado por França (2020): os autores do Norte Europeu. Martino (2018) narra que, apesar de já presente em trabalhos esporádicos prévios, o conceito melhor verifica-se na edição especial da revista *Communications* dedicada ao tema, organizada por Hepp, Hjarvard e Lundby em 2010. Nela, a midiatização é definida como “a longa inter-relação entre mudanças na mídia e mudanças culturais e sociais” (Martino, 2018, p. 227). O diferencial dessa concepção é conceber a mídia não como uma influência exercida no social de fora, mas de dentro da sociedade mesma, como parte do tecido da cultura.

Nessa concepção de midiatização, a mídia é tomada como transformadora do social e do cultural. Os “meios de comunicação, tanto tradicionais quanto digitais, [são tidos] como os responsáveis por agenciar transformações nas lógicas operacionais de outras instâncias sociais” (Martino, 2018, p. 230). Assim, o fenômeno incentivaria a apropriação das lógicas midiáticas<sup>10</sup> pelos demais campos, com replicação não só tecnológica, mas de conteúdos, dispositivos, formatos, representações, discursos, ações etc. – como um fator quase que de sobrevivência.

É importante destacar que, apesar de estar ligada aos meios, a midiatização não depende exclusivamente deles – como reforçado em França (2020) e Braga (2012). Ela refere-se mais ao espriamento das suas lógicas por outros espaços, operacionalizando-se na verificação das mudanças ocorridas neles com base em/a partir da mídia. Para usar exemplos recorrentes de Martino (2018), vale pensar na política e na construção de imagens públicas ou na religião e suas representações – boa parte das quais ocorre, hoje, por intermédio da mídia<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Braga (2014) prefere a expressão “lógicas de midiatização”, as quais incluiriam não só as lógicas midiáticas, mas também as instauradas pelo social.

<sup>11</sup> Como discute o trabalho de Ferreira (2025), com quem compartilhamos as discussões no GT Epistemologias e Teorias da Midiatização do Seminário.



---

Da mesma forma, os meios não são, em si, os principais (ou únicos) causadores das mudanças no social, excluindo os demais aspectos que o permeiam (culturais, econômicos etc.). A midiatização diz respeito justamente ao entrelaçamento de todas essas instâncias, visando superar a dualidade entre mídia e sociedade. A abordagem compreende-as em constituição conjunta, em um processo de retroalimentação (a sociedade constrói a mídia e a mídia constrói a sociedade).

Substituir-se-ia, então, a ideia de “mídia e sociedade” pela de “midiatização da sociedade”, em que há não apenas intersecção, mas um entrelaçamento entre meios, instituições e sujeitos – um todo único ao invés de partes separadas. Essa “virada de chave” veio da percepção da onipresença da mídia na sociedade, “em suas diversas formas e dispositivos, várias linguagens e códigos semióticos e amplas configurações empresariais e institucionais” (Martino, 2018, p. 228-229).

Dando continuidade aos levantamentos, o trabalho de Fausto Neto (2018) dá ênfase ao conceito pela perspectiva de Eliseo Verón. De acordo com Fausto Neto (2018), o conceito de midiatização foi cunhado por Verón na década de 1980. Contudo, “talvez por desinformação ou limitações linguísticas, temporalidades e contextos latino-americanos nos quais se estuda, ao longo de quatro décadas, a midiatização são praticamente ignorados” (Fausto Neto, 2018, p. 83). Isso possivelmente se deve à posição diferenciada de Verón no que tange às correntes de estudo da midiatização, descritas mais à frente em diálogo com Fernández (2023).

Porém, Fausto Neto (2018, p. 85) destaca que “a midiatização segue outras temporalidades no contexto latino-americano através das operações que envolvem articulações de velhos e novos meios”, o que exige uma atenção especial às abordagens aqui adotadas. No caso de Verón, o autor compreende o fenômeno de forma não linear, não determinística, complexa e sem relações causais – diferentemente do modelo funcionalista norte-americano que, por muito tempo, predominou na Comunicação (Fausto Neto, 2018).



---

O semiólogo adota um modelo estruturado em instituições, meios e atores individuais, com fluxos que ocorrem: a) entre instituições e meios; b) entre meios e atores; c) entre instituições e atores; e d) num atravessamento entre os meios e os fluxos entre instituições e atores. Cada um desses eixos gera estratégias em sua relação com os demais – que podem convergir, mas também ser divergentes. Assim, os meios são importantes não por si sós, mas em sua mescla com o social.

A circulação, para Verón, é onde residem as materialidades da midiatização, e para onde deve se voltar a atenção do analista – com a restrição de “um acesso apenas fragmentário às discursividades como possibilidade de se descrever o que se passa na interface produção/reconhecimento” (Fausto Neto, 2018, p. 81). Nesse sentido, volta o comentário de Braga (2012) de que o produto é só um ponto na circulação, porque, apesar de dizer muito, ele não diz tudo; há muita circulação para além de suas bordas (Fausto Neto, 2010), da qual o pesquisador só é capaz de captar fragmentos (Verón, 2004).

Contrastando essas reflexões com os demais trabalhos elencados, é possível perceber que, apesar das “formulações um pouco distintas, há uma convergência nas questões trazidas por nossos autores: a midiatização compreende um novo ambiente sociocultural; introduz novos padrões de mediação e de interação; possibilita novas formas de percepção e cognição” (França, 2020, p. 30). França (2020) reforça também que, por mais que a técnica desempenhe papel fundamental na construção teórica, ela não é o foco das preocupações, mas sim as afetações que ela produz sobre o social – e, acrescentamos, as apropriações que o social faz delas, utilizando-as de forma tática (Certeau, 1998).

A partir desse centro comum, cada autor efetua desdobramentos à sua maneira, enfatizando, por exemplo: a nova realidade social (Sodré); os processos interacionais (Braga); a circulação (Fausto Neto); a reformulação da realidade preexistente (Gomes); as mudanças socioculturais (autores nórdicos); e a complexidade sociodiscursiva (Verón).

#### **4. Correntes de estudo da midiatização**



---

Recorrendo às sistematizações de Göran Bolin, Hjarvard e Hepp, França (2020) apresenta as três correntes prevalentes no estudo da midiatização a nível mundial: a institucionalista, a socioconstrutivista e a tecnológica. Baseados em Hjarvard, tanto França (2020) quanto Martino (2018) comentam que a corrente institucionalista atenta para uma “dualidade”: as lógicas da mídia enquanto instituição e como essas lógicas se espalham pelas demais instituições. Assim, ao olhar para as instituições sociais, a vertente estaria num nível *meso* da teoria.

Já a corrente socioconstrutivista, de acordo com França (2020), tem base no interacionismo simbólico e na sociologia do conhecimento. Atenta, portanto, para as interações cotidianas entre os sujeitos e para a midiatização enquanto metaprocessos (equivalente à globalização, por exemplo). Parece, assim, situar-se simultaneamente nos níveis micro e macro da teoria. Por fim, a corrente tecnológica tem base estruturalista e atenta para as tecnologias e códigos. Cabe comentar que França (2020) não disserta muito a seu respeito tampouco elenca uma variedade de representantes, sendo Jean Baudrillard o único citado como exemplo.

Fernández (2023) é outro autor a efetuar um mapeamento acerca das vertentes da midiatização. Mas, diferentemente de França (2020), identifica apenas as correntes institucionalista e a socioconstrutivista. Além disso, sua forma de compreendê-las é um pouco diferente da pesquisadora brasileira.

De acordo com o pesquisador, na vertente institucionalista, reconhece-se que as lógicas da mídia afetam (forçosamente) os demais campos sociais, atuando de forma centrípeta – ou seja, tendo o midiático como centro. Os estudos do tipo, exemplificados, sobretudo, pelos autores do norte europeu, consideram que a midiatização se inicia no século XX, com a emergência dos meios de comunicação de massa (gerando uma associação com a indústria cultural, discutida mais à frente).

Já a vertente socioconstrutivista, para o autor, atenta para o lugar da mídia na construção da realidade – lugar este voltado à materialização das semioses, isto é, das formas de discursividade. Estas seriam lidas como fenômenos midiáticos, os quais



---

existem independentemente da fonte, do destino e do tempo e deixam “marcas” a serem recuperadas pelos analistas.

Aqui, a mídia seria um entre os vários componentes do social, numa lógica centrífuga, isto é, descentralizada. Com relação à temporalidade, a compreensão socioconstrutivista é de que a midiatização ocorre desde o início da história, assumindo as mais diversas formas: desde as pinturas rupestres até a internet, passando, ainda, por outras formas de “conexão” – a exemplo das ferrovias<sup>12</sup>.

Ou seja, aqui, abre-se margem para a pluralização do termo, falando-se em midiatizações. Na leitura de Fernández (2023), o maior expoente dessa compreensão é Verón<sup>13</sup>. Esse reconhecimento possivelmente se deve ao fato de Fernández seguir a “escola” criada pelo semiólogo – mantida, sobretudo, pela atuação do Centro de Investigaciones en Mediatizaciones – CIM (Fausto Neto, 2018).

Dito de outra forma, segundo a vertente institucionalista, a midiatização seria uma adição à vida social, um fenômeno agregado vindo “de fora”, ocasionado pela emergência da mídia massiva. Na socioconstrutivista, por sua vez, a midiatização diria respeito à construção da vida social – que ocorreria “de dentro” e, certamente, com um importante papel da mídia, mas não que esta seja a única a fazê-lo. Aqui, os meios massivos são uma mera contingência histórica – isto é, apareceram e seguirão aparecendo, mas não criaram a midiatização, tampouco são os únicos aspectos a intervir no social. Vejamos, agora, se e como essas correntes aparecem no trabalho de diferentes autores.

---

<sup>12</sup> Durante o Seminário, alguns colegas expressaram sua desconfiança com relação a essa abordagem. Comentou-se que, em seu extremo, a leitura permite que praticamente tudo possa ser entendido como midiatização – o que levaria a um esvaziamento do conceito. Apesar de reconhecermos o alerta, também entendemos que midiatizações anteriores à emergência dos meios de massa do século XX, como o livro impresso, não podem ser ignoradas, dado seu impacto na produção social de sentidos.

<sup>13</sup> Outras leituras enquadram Eliseo Verón em uma terceira vertente – ou quarta, se considerarmos a tecnológica de França (2020). É o caso de Figueiredo (2021), que a nomeia como latino-americana, ou Damasio (2021), que a caracteriza como semioantropológica – nomenclatura dada pelo próprio autor (Verón, 2014). Socioconstrutivistas, para Figueiredo (2021) e Mello (2024), seriam autores como Couldry e Hepp, por exemplo. Não aprofundaremos essa discussão por motivos de espaço, mas julgamos pertinente assinalá-la em função dos debates gerados no Seminário.



## 5. Distintas apropriações do conceito de mediação

França (2020) identifica, no Brasil, distintas formas de apropriação do conceito de mediação – as quais elenca em uma sistematização autoral. O primeiro acionamento é como macroconceito descritivo – isto é, fundamentação, pano de fundo. Cabe comentar que essa é uma das finalidades da teoria para Braga (2019), desde que sempre provocando tensionamentos com o objeto. Porém, o que França (2020) identifica são apropriações desacompanhadas de reflexão crítica – em que a mediação apenas é dada como existente, sem que se problematize suas afetações. Percebemos que boa parte dos trabalhos em eventos e afins utiliza o conceito dessa forma.

Uma segunda perspectiva de estudos que abordam o conceito de mediação para França (2020) é a crítico-determinista. Enquadrar-se-iam aqui abordagens na linha das de Sodré e Gomes, que pensam a constituição de uma nova realidade pela mediação – ou a mediação que esta faz na forma como vemos a realidade. A categoria parece evocar certa crítica à técnica e à “virtualidade”, assim como ao capitalismo.

Por fim, a terceira abordagem identificada por França (2020) é a analítica-processual. O que esta faz é mesclar as duas vertentes percebidas por Braga: o olhar macro sobre a mediação da sociedade e a atenção às suas microafetações – emergindo, aí, os estudos de “mediação de/do/da...”. Ou seja, há, aqui, um incentivo à exploração empírica.

Já Martino (2018) reconhece a presença de dois movimentos distintos. Primeiramente, o que chama de “passagem da palavra ao conceito” (Martino, 2018, p. 223), em que a noção de mediação é contraposta com outros conceitos mais consolidados na área, como o de mediação. Em segundo, o autor percebe acionamentos restritos e, assim como identificado por França (2020), sem grandes problematizações.



---

Aqui, a midiatização é simplesmente tomada como sinônimo de “presença da/na mídia”<sup>14</sup>, sentido semelhante ao que aparece em Ampuja (2012) – para quem a mídia teria “invadido” as Ciências Sociais.

Em resumo, Martino (2018) percebe o conceito como razoavelmente recente e caracterizado por “flutuações” – o que, para o autor, se deve à apropriação “flutuante” pela própria Comunicação. Isso porque, segundo ele, a ideia de midiatização já estaria presente em outras áreas, ainda que de forma bastante distinta do(s) sentido(s) comunicacional(is).

Na Política, por exemplo, Martino (2018) comenta que o termo é usado para fazer referência à invasão de Napoleão aos principados germânicos, em que as terras sofrem uma nova divisão administrativa. Apesar de distante à primeira vista, esse uso remete à ideia de midiatização na Comunicação, no sentido de algo que reestrutura o tradicionalmente configurado. Já no Direito, o termo é associado à “intermediação na relação de conflitos” (Martino, 2018, p. 224) – reforçando a tensão entre midiatização e mediação explicitada à frente na leitura de Fausto Neto (2018), Martino (2018) e França (2020).

Adentrando a Comunicação, Martino (2018) comenta que Jean Baudrillard fala em midiatização para se referir à centralidade que a mídia assumiu na sociedade – especialmente as imagens, formato sobre o qual se debruça. Analisando fotografias e, posteriormente, a TV, o autor disserta sobre a constituição de uma “cultura do simulacro”, em que o real seria colocado em segundo plano em detrimento das “informações midiatizadas”. Essas informações não são vistas por Baudrillard como uma continuidade ou prolongamento do real, mas uma ruptura com ele, um “outro mundo” – numa lógica de “virtualidade” que se assemelha às já vistas compreensões de Sodré e Gomes. Assim, para Martino (2018), a ideia de midiatização em Baudrillard parece mais centrada na

---

<sup>14</sup> O que, em seu artigo, Cabral Filho (2025) chama de “midiatização como ato” (distinta da “midiatização como processo”).



---

técnica e seus efeitos sobre as pessoas – compreensão que coincide com a corrente tecnológica identificada por França (2020).

Martino (2018) também percebe a presença da midiatização em Jürgen Habermas, cuja problematização do conceito se dá a partir de um ponto de vista sociológico – tensionando os conceitos de mundo da vida e sistema. O mundo da vida, para ele, seria o cotidiano, no qual interagimos e construímos significados para as coisas; já o sistema seria constituído por dispositivos de regulação das atividades do mundo da vida, em suas diversas dimensões. O primeiro, então, seria diretamente afetado pelo segundo, sendo a midiatização o que faz essa “ponte” – evocando, novamente, o sentido de mediação.

John Thompson é outro autor mencionado por Martino (2018) – também numa análise mais sociológica sobre as relações entre os meios de comunicação e a sociedade. Segundo o teórico, em contextos de forte desenvolvimento industrial e social, emerge a necessidade de que as informações para as trocas contemporâneas entre os sujeitos sejam mediadas – o que deveria ser feito pela mídia. Assim, o conceito que traz não é o de midiatização, mas o de midialização, referindo-se às informações veiculadas pela mídia e sua importância nas sociedades contemporâneas.

Outro autor trazido por Martino (2018) em seu levantamento – mais recente e efetivamente falando de midiatização – é Jesper Strömback, que se volta especificamente à midiatização da política. O autor parte da ideia de que tudo, do micro da identidade ao macro do social, é midiatizado, e com a política não é diferente. Nesse campo, a mídia seria fundamental para o estabelecimento da visibilidade, fazendo com que os posicionamentos e feitos dos atores ultrapassem os gabinetes e partidos.

Dessa forma, é importante considerar não os efeitos da mídia na política, mas as transformações recíprocas, o afetamento mútuo que há entre as lógicas de um campo e outro. Para tanto, o autor propõe um modelo (linear) de quatro fases, que analisa: em que medida os meios de comunicação tornam-se a principal fonte de informação na sociedade; até que ponto eles são independentes da política; o quanto seus conteúdos são



---

determinados pela lógica da política ou por sua própria lógica; e como isso se dá no caso dos atores políticos.

Essa proposição, porém, recebeu algumas críticas, tanto de Martino (2018) como de Couldry e, de forma indireta, também de Fernández (2023). Primeiro, porque concebe os meios de comunicação como o espaço primário de produção e circulação de informações na sociedade, colocando as outras instâncias em “gravitação” em torno dele. Segundo, por ser um modelo que, conforme suas próprias etapas indicam, visa avaliar o quanto a midiatização está ocorrendo – ou seja, se é uma midiatização em maior ou menor escala. Não seria esse o caso, visto que a midiatização é um fenômeno que cobre a totalidade do social – ainda que com implicações diferentes em cada contexto, é claro. Além disso, o modelo do autor limita-se pela escassez de instrumentos metodológicos capazes de mensurar adequadamente cada um dos aspectos.

Por fim, a crítica é feita quanto à concepção linear que Strömback dá ao processo. Isso também ocorre em Niels Finneman, última menção de Martino (2018), que fala das diferentes matrizes de mídia e atribui a midiatização a elas. Para esse autor, o processo seria decorrente das transformações nas mídias predominantes em distintos contextos sócio-históricos, indo desde o oral até às mídias digitais. Apesar de ser uma teorização que dialoga com os processos interacionais de referência de Braga (2006), essa compreensão choca-se com a circularidade do processo defendida pelo autor e pelos pesquisadores da Unisinos – referências na área e reconhecedores da circulação e dos circuitos como as principais características da midiatização.

## **6. Conceitos relacionados à midiatização**

No trecho final de seu artigo, França (2020) situa a midiatização em relação a outros conceitos. O primeiro deles é o de indústria cultural – a qual, segundo a autora, caracterizava-se pela

presença maciça desses novos meios, marcados por um fluxo unilateral;  
constituição de audiências massivas; natureza comercial



Anais de Artigos  
VII Seminário Internacional de Pesquisas  
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

---

(mercadológica) da produção cultural; viés (ou natureza) ideológico(a), consumando processos de manipulação e alienação. O conceito se referia basicamente à atuação da imprensa escrita (jornais e revistas), cinema, rádio e televisão. (França, 2020, p. 34).

Há de se reconhecer que certos aspectos da indústria cultural permanecem vigentes, ainda que reinventados em meio ao cenário de plataformas – a exemplo da orientação mercadológica e massiva dos veículos, canais e produtos comerciais. Mas, de acordo com França (2020), a ideia distingue-se da midiatização em função de que, no caso desta: os fluxos não são somente unilaterais; a natureza não é só comercial (havendo resistências e afins); há criticidade quanto à manipulação e alienação por parte dos receptores; e, sobretudo, estes não são passivos – possuindo, inclusive, sua própria produção (essência do que Braga e Fausto Neto chamam de circulação).

Acerca da discussão, Braga (2012) ressalta que a midiatização “diz respeito a uma entrada experimental de participantes sociais nas práticas e processos *antes restritos à indústria cultural*” (Braga, 2012, p. 34, grifo nosso). Ou seja, a midiatização extrapola os limites da indústria, tornando-a “um elemento não homogeneizante do social” (Braga, 2012, p. 35).

Além da indústria cultural, outro conceito que França (2020) relaciona à midiatização é o de mídiasfera, criado por Régis Debray no contexto da mediologia – disciplina que estuda(ria) o papel do suporte (isto é, da materialização) no condicionamento e na circulação das mensagens. Segundo França (2020), de acordo com o autor, cada mídiasfera seria caracterizada por configurações específicas de espaço-tempo. Entendemos que, nesse caso, a midiatização é mais ampla – isto é, contempla ou atravessa várias mídiasferas. Além disso, não se prende tanto ao suporte, mas considera também o social.

França (2020) também faz uma aproximação entre a midiatização e o que chama de “teoria dos meios” – nome utilizado para agrupar autores como Pierre Lévy, Henry Jenkins e o já mencionado McLuhan, que se voltam para os efeitos da tecnologia sobre o social. Sua diferença em relação à midiatização estaria na abordagem midiocêntrica. Esta



---

é fortemente problematizada por Braga (2012), que, em sua compreensão de midiatização, dá igual relevância para mídia, sociedade e cultura.

Por fim, uma última associação feita por França (2020) é ao conceito de mediação – a confusão mais antiga e frequente com a midiatização. Entretanto, França (2020) aponta para uma tensão com a compreensão barberiana do conceito, ao passo que Martino (2018) remonta às derivações de sentido ocorridas a partir dos originais em inglês.

De acordo com o autor, tanto “mediatization” como “mediation” sugerem uma ação da mídia na vida dos sujeitos – por meio dos fragmentos “media” e “a(c)tion”. Ocorre, assim, que a “proximidade semântica se reflete em uma indefinição conceitual” (Martino, 2018, p. 225). Nesse contexto, Martino (2018, p. 225) coloca que há a “atribuição de um mesmo sentido ora a um, ora a outro” – o que identifica nos trabalhos de Lundby, Couldry, Sonia Livingstone e, inclusive, dele próprio. O autor também evidencia a confusão nos dicionários de comunicação que trouxeram o verbete pela primeira vez: a ideia que um deles traz de mediação seria mais próxima do que ele entende por midiatização, por exemplo.

Porém, o pesquisador ressalta que, mesmo compartilhando os radicais e o sentido de “ação da mídia”, as palavras e seus conceitos são bastante distintos entre si, colocando-se a necessidade de estabelecer fronteiras entre eles. A mediação refere-se à “interação existente entre processos sociais e processos midiáticos ou, em uma perspectiva mais precisa, a interação dos processos midiáticos dentro dos processos sociais” (Martino, 2018, p. 229). Faz “referência à emergência das instituições e empresas de mídia como elementos responsáveis pela circulação, em larga escala, de símbolos e conceitos dentro da sociedade” (Martino, 2018, p. 230). Ou seja: nesse conceito, a sociedade é tida como mediada pela comunicação.

No que tange à relação entre midiatização e mediação em nível internacional, França (2020) aponta que, na Inglaterra, tem-se Couldry criticando o conceito de midiatização por remeter a apenas uma lógica da mídia, enquanto existem várias – preferindo, assim, mediações. No norte europeu, a autora narra que Hjarvard faz o



---

percurso contrário, criticando as mediações por dizerem respeito a interações mais localizadas – enquanto a midiatização é macro, estrutural, podendo ser compreendida como a grande mediação da sociedade (compreensão que, como visto, também aparece em Sodré).

Mas, especificamente na América Latina e no Brasil, a autora comenta que a confusão entre midiatização e mediação ocorre com o conceito proposto por Martín-Barbero, já citada referência nos estudos de recepção. Numa primeira fase de sua obra, o autor vai dos meios às mediações – isto é, do cenário de centralidade dos meios do difusionismo (Fausto Neto, 2018) para uma maior valorização dos receptores. Nesse momento, o teórico se volta ao que chama de mediações culturais da comunicação – isto é, aspectos culturais que afetam o consumo midiático. Aqui, reconhece o papel das matrizes culturais, dos formatos industriais, das lógicas de produção e das competências da recepção (Martín-Barbero, 2018).

Posteriormente, reconhecendo a importância crescente da mídia na sociedade, o autor se volta às mediações comunicativas da cultura e acrescenta ao seu “mapa” as mediações da institucionalidade, da socialidade, da tecnicidade e da ritualidade (Martín-Barbero, 2018). Aqui, se reflete não só sobre como a cultura media o consumo de mídia, mas também como esta afeta nossa inserção e relações culturais. De acordo com Braga (2012) e Fausto Neto (2018), é nessa leitura que o conceito mais se aproxima da ideia de midiatização.

Fausto Neto (2018, p. 87) conclui que tanto mediação como midiatização são “dois conceitos que nos parecem ser as vigas centrais do edifício da pesquisa comunicacional no Brasil”. Apesar das abordagens diferentes, Verón e Martín-Barbero compartilham de um mesmo contexto e do desejo de fazer avançar o conhecimento comunicacional na América Latina.

Além disso, seus esforços se caracterizam por cruzamentos. Como visto, em suas reflexões mais recentes, Barbero faz um retorno das mediações aos meios, “ressituando, de alguma forma, as configurações do conceito de mediação” (Fausto Neto, 2018, p. 89).



---

O autor também discorre sobre a relação entre comunicação e interação – muito presente em Braga –, (re)pensando a substituição de “mediações” por “interfaces”. Verón, por sua vez, reconhece que, por possuir um suporte (materialidade), a comunicação é sempre mediada. Essas trocas corroboram a afirmação de Fausto Neto (2018, p. 92, grifo nosso) de que “a boa teoria se faz no ir e vir das observações, das perguntas, mas também de *reconhecimentos*”. Foi esse o movimento que buscamos fazer neste artigo.

## 7. Considerações finais

À guisa de conclusão, julgamos pertinente rememorar alguns alertas que as referências aqui utilizadas fazem ao se trabalhar com midiatização. Eles também servem para ajudar a constituir nossa compreensão do conceito – afinal, como afirma Merquior (1991), a melhor forma de entender o que uma coisa *é* é estabelecendo o que ela *não é*.

O primeiro deles, enfatizado por Martino (2018) e por França (2020), é atentar para não tender ao midiacentrismo – isto é, ao determinismo tecnológico, que atribui todas as transformações do social às mídias. Como visto em Braga (2012), no processo de midiatização, mídia e social têm a mesma importância – já que o que dá sentido para a tecnologia e, inclusive, permite concebê-la são o uso e a inventividade.

Nessa linha, outra recomendação de Martino (2018) e França (2020) é não separar mídia e social, pensando, por exemplo, os efeitos de um sobre o outro (na linha da pesquisa administrativa americana). O que ocorre são interrelações complexas e não lineares – emergindo, aí, a importância da circulação. Assim, “não sendo a mesma coisa, seu funcionamento é absolutamente imbricado, e é esta inserção e atravessamentos que devem constituir o foco de nossos estudos” (França, 2020, p. 39).

Martino (2018) também levanta um alerta acerca da “diversidade” do conceito de midiatização – isto é, suas múltiplas derivações, conforme ilustrado neste trabalho. Para o autor, ao passo que essa variedade demonstra a pertinência do conceito, também pode configurar um problema teórico-epistemológico, na medida que representa a “diluição de seus limites e fronteiras responsáveis pela capacidade analítica” (Martino, 2018, p. 221).



---

Nesse sentido, o autor sugere atenção, já que nem todos os “espaços da experiência” podem (ou devem) ser explicados pelo conceito de mediação.

Na compreensão do autor, a definição de um conceito depende de todos os aspectos aqui abordados: sua gênese, apropriações, validade epistemológica (isto é, capacidade de definir a realidade), operacionalizações metodológicas e, em especial, suas “flutuações”. Estas são características não só da mediação, mas da área da Comunicação como um todo – “espaço de formações discursivas bastante diverso no que concerne ao estabelecimento de consensos em torno de seus componentes básicos” (Martino, 2018, p. 235). É justamente em função disso que o autor pontua a importância de perceber os conceitos, seus diferentes acionamentos e, conseqüentemente, variações. Isso nos permite não só compreendê-los melhor, como também perceber a sua pertinência (ou não) aos fenômenos midiáticos e sociais.

No caso do conceito de mediação, França (2020) reconhece que sua compreensão tem a agregar mesmo para pesquisadores que não o abordam. Isso porque ele nos incentiva a olhar para o lugar institucional da mídia – tanto no sentido de instituição “formal” (ela, as outras e suas relações) quanto do que ela institui no social (práticas, lógicas etc.). Também nos incita a atentar para as lógicas midiáticas específicas, pensando como elas aparecem nos objetos de pesquisa. No contexto de plataformas, a autora sugere o conceito de *affordance* como um direcionamento possível para os estudos – isto é, entender e descrever o funcionamento e as afetações das interfaces.

A pesquisadora comenta que a mediação também conduz a uma análise dos cruzamentos e interações entre midiático e social, objeto e contexto – o que a própria circulação coloca, ao reconhecer que um produto está vinculado a momentos do passado e do futuro. Nesse sentido, França (2020) sugere a pertinência de uma visão simultaneamente diacrônica e sincrônica – diacrônica para nos lembrar de que as inovações tecnológicas possuem uma historicidade; e sincrônica para considerar que elas são implementadas de diferentes formas em diferentes lugares, por mais que o tempo seja o mesmo.



---

Nesse sentido, se faz pertinente a sugestão de Martino (2018) de compreender a mediação não só como um processo macro, visto que ela também afeta os âmbitos socioindividuais. Vem daí a opção de muitos autores por situar o conceito num nível *meso* – tido por Braga (2020) como o ideal para o avanço da pesquisa, juntamente com o estudo de caso (já que ambos dão margem para “negociações” entre objeto e contexto, específico e geral). É nesse nível que almejamos situar a referida tese de doutorado em andamento.

## Referências

AMPUJA, Marko. The Mediatization of Social Theory and its Problematic Consequences. *In*: AMPUJA, Marko. **Theorizing Globalization: A Critique of the Mediatization of Social Theory**. Leiden: Brill, 2012, p. 353-368.

BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 48-61, mai./ago. 2019.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Mídia**. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPOS, 2012, p. 31- 52.

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da mediação. *In*: FAUSTO NETO, Antonio *et al.* (Orgs.). **Relatos de Investigaciones sobre mediações**. Rosario: UNR Editora, 2014, p. 15-32.

BRAGA, José Luiz. Mediação como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.

BRAGA, José Luiz. Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional. **Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 101-117, mai./ago. 2020.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. Em torno da mediação: o consenso dos diálogos. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E PROCESSOS SOCIAIS, 6., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. Santa Maria: POSCOM-UFSM; São Paulo: ECA-USP, 2025.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.



Anais de Artigos  
VII Seminário Internacional de Pesquisas  
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

---

DAMASIO, João. Mídia e religiões. *In*: CUNHA, Magali; NOVAES, Allan (Orgs.). **Dicionário brasileiro de comunicações e religiões**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2021, p. 474-478.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. *In*: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Orgs.). **Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil e Argentina**. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2010, p. 2-15.

FAUSTO NETO, Antonio. Mediação, mídia e processos: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. *In*: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a mídia?** Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018, p. 63-99.

FELICIANI, Márcia Zanin; BORELLI, Viviane. Mídia e processos: gênese e apropriações do conceito. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E PROCESSOS SOCIAIS, 6., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. Santa Maria: POSCOM-UFSM; São Paulo: ECA-USP, 2025.

FERNÁNDEZ, Mariano. Contra la mediación de. Sobre política, tecnologías y la ecología de lo público. *In*: BUSSO, Mariana Patricia; FERNÁNDEZ, Mariano (Orgs.). **La democracia perforada: mediación, redes, plataformas**. Rosario: UNR Editora, 2023, p. 69-93.

FERREIRA, Virgínia Diniz. Do púlpito à internet: evoluções e conexões entre os conceitos de igreja eletrônica, televangelismo, pentecostalismo católico e catolicismo midiático, no contexto da mídia. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E PROCESSOS SOCIAIS, 6., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. Santa Maria: POSCOM-UFSM; São Paulo: ECA-USP, 2025.

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. Mídia e Discurso: possibilidades dialéticas para investigação do objeto comunicacional. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E PROCESSOS SOCIAIS, 4., 2021, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Unisinos, 2021.

FRANÇA, Vera V. Alcance e variações do conceito de mídia. *In*: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mídia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020, p. 23-44.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula Guimarães. O objeto da comunicação e a comunicação nas ciências. *In*: FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 19-43.



Anais de Artigos  
VII Seminário Internacional de Pesquisas  
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

---

GOMES, Pedro Gilberto. Mídia e processos: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai./ago. 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Introducciones a: De los medios a las mediaciones. *In*: RINCÓN, Omar (Org.). **Pensar desde el Sur**: Reflexiones acerca de los 30 años de De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero. Bogotá: Fescomunicación, 2018, p. 16-54.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Mídia e processos, norte e sul: pontuações e delineamentos do conceito na pesquisa brasileira e anglo-saxônica. *In*: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a mídia e o processo? Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018, p. 219-240.

MERQUIOR, José Guilherme. O surgimento do estruturalismo. *In*: MERQUIOR, José Guilherme. **De Praga a Paris**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 11-31.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. *In*: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000, p. 1-32.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediación. **Diálogos**, Buenos Aires, n. 48, p. 9-16, 1997.

VERÓN, Eliseo. **Fragments of a fabric**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mídia e processos: uma perspectiva semiológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014.